

Hannes Meyer e o regionalismo

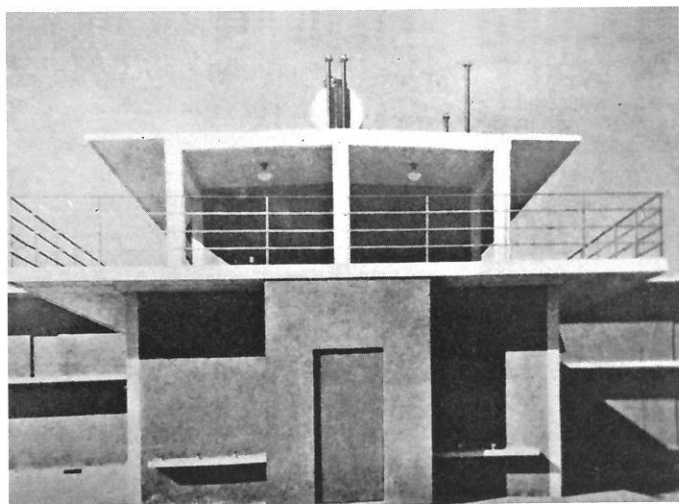
Onde está a periferia?

Adrián Gorelik é natural de Mercedes, província de Buenos Aires. Arquiteto, doutorando em história na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires – FADU-UBA. Entre 1989 e 1994 foi bolsista do CONICET e recebeu subvenção da *Academia Schloss Solitude* de Stuttgart. É pesquisador do *Instituto de Arte Americano de Investigações Estéticas Mario J Buchiazzo* (FADU-UBA) e membro do Programa de história das idéias, dos intelectuais e da cultura do *Instituto de História Argentina e Americana Dr E Ravignani* (FFYL-UBA). É membro do Conselho Editorial da revista *Punto de Vista* de Buenos Aires. É autor de **La sombra de la vanguardia. Hannes Meyer en México, 1938-1949**, Proyecto Editorial, Buenos Aires 1993, em colaboração com Jorge F Liernur e de numerosos artigos em revistas diversas.

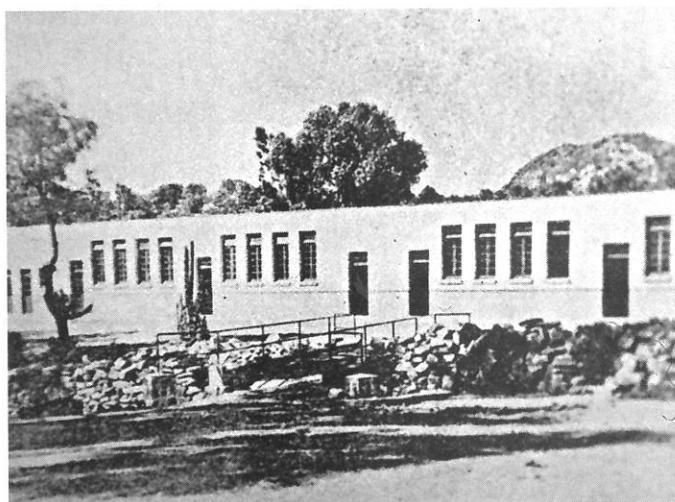
Tradução
Flávio Arancibia Coddou



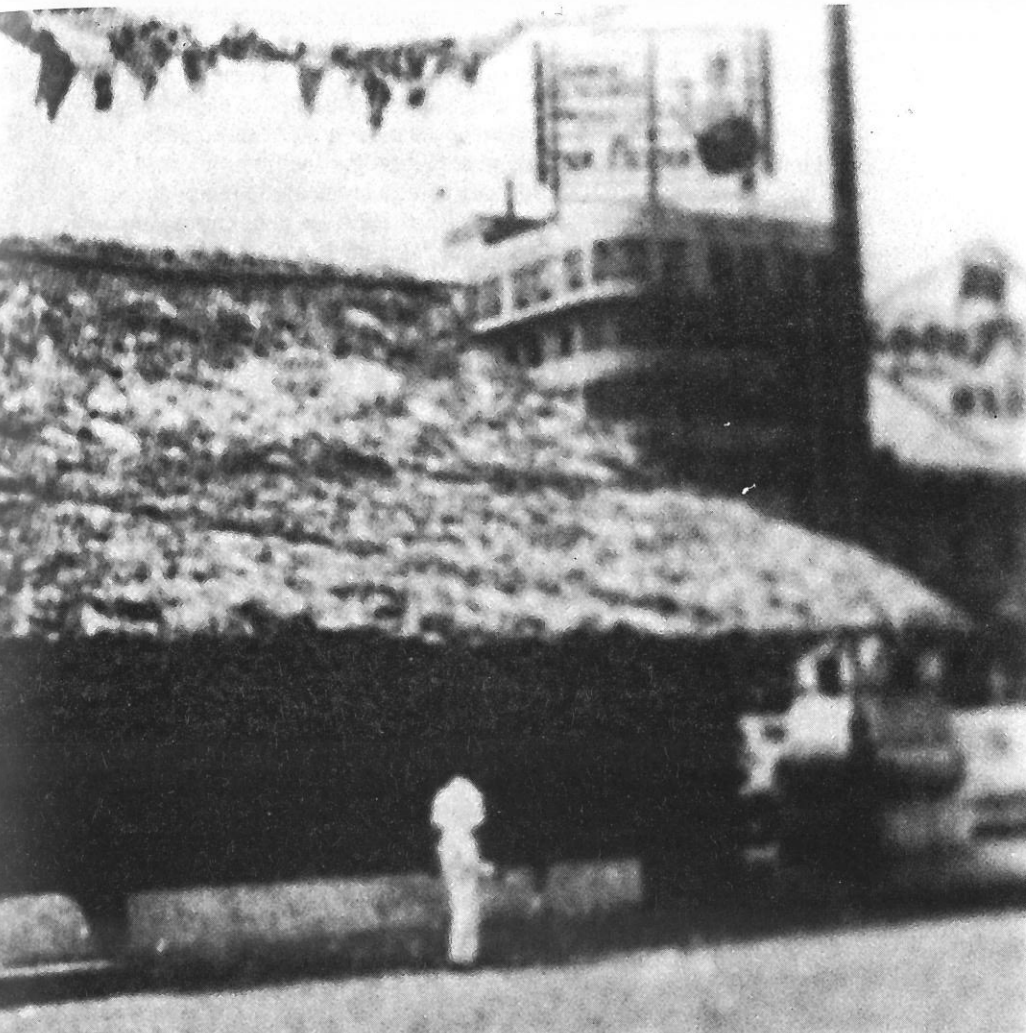
Exterior da escola rural tipo para a Huasteca veracruzana, construída por Meyer como modelo e exposta na Praça das Belas Artes durante a exposição do CAPFCE



Escola na colônia Pro-Hogar, México 1932
Arq Juan O'Gorman



Escola primária em Cuauhtepic, México 1932
Arq Juan O'Gorman



Adrián Gorelik

A pátria está em declínio. Aprendemos o esperanto. Tornamo-nos cosmopolitas. (...)

Cada época exige sua própria forma. Nossa missão é a de dar ao nosso novo mundo uma forma nova com meios modernos. Mas nosso conhecimento do passado é um peso que cai sobre nós (...)

A arquitetura já não é a continuação de uma tradição (...)

A forma construtiva não é peculiar de nenhum país; é cosmopolita e é a expressão de uma concepção internacional da arquitetura. A internacionalização é uma prerrogativa de nosso tempo.

Hannes Meyer, Zürich 1926

A arquitetura terá que se interacionalizar pela simples razão de que o homem se universaliza cada dia que passa (...)

Não seriam por acaso, o concreto armado e o aço estrutural, sistemas de construção internacional?

Juan O'Gorman, México 1933

O grito que pede uma 'arquitetura internacional' (...) é a expressão de um sonho esnobe daqueles estetas da construção que deliram com um mundo arquitetônico uniforme de vidro, concreto e aço (incentivando os trustes do vidro, do concreto e do aço) desligado de toda realidade social.

Hannes Meyer, México 1938¹

Interior da escola rural tipo para a Huasteca veracruzana exposta na Praça das Belas Artes



1
As fontes das citações, em ordem, são:

Meyer, H *El nuevo Mundo* (Die neue Welt, 1926) in *El arquitecto en la lucha de clases* Gili, Barcelona 1972

O'Gorman, J *Conferencia en la Sociedad de Arquitectos Mexicanos* México 1933, reproduzido in Prampolini, I R *Juan O'Gorman, arquitecto y pintor* UNAM, México 1982

Meyer, H *La formación del arquitecto*, conferência ditada na Escola Nacional de Arquitetura, Academis San Carlos, México, em sua primeira visita em setembro de 1938, in *Arquitectura y Decoración* nº12, México outubro de 1938

Analisamos exaustivamente a presença de Meyer no México em Gorelik A e Liernur, J F *La sombra de la vanguardia, Hannes Meyer en México, 1938-1949* Proyecto Editorial, Buenos Aires 1993

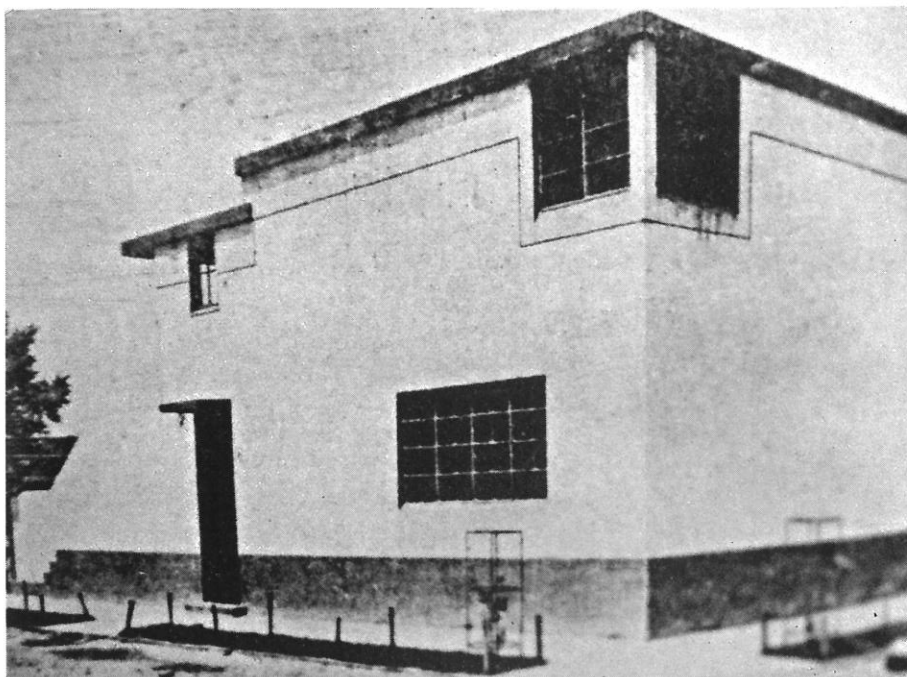
2
Ver González Lobo, C *Arquitectos en México durante la cuarta década: el Maximato, el Cardenismo in Apuntes para la historia y crítica de la arquitectura mexicana en el siglo XX: 1900-1980* (vol 2) in *Cuadernos de Arquitectura y Conservación del Patrimonio Artístico* nº 22-23 SEP-INBA, México 1982

É notável o jogo de caixas chinesas que emerge do contraponto de citações: o vanguardista europeu na sua melhor representação, chega ao México da primavera Cardenista para refutar a experiência da vanguarda local que, na frase de O'Gorman, parecia todavia inspirar-se no próprio Meyer de 1926. Jogo de caixas chinesas que também se produz entre o que dizem as citações e as posições de quem as enunciam: é evidente que o problema da universalização dos modelos está implícito como questão na arquitetura moderna desde seu início, independentemente de quais foram os centros e periferias respectivas, e quais foram as posições particulares que quiseram se universalizar. Quando em 1941 Hannes Meyer publica no México um artigo sobre o regionalismo na Suíça, usando como alvo de estudo a obra mais facilmente identificável de arquiteturas vernaculares de regiões mexicanas, aparecerá exasperada essa vocação universalizadora a partir da figuração regionalista. O centro aponta agora à condição de "mosaico de elementos locais e regionais" que segundo Meyer caracterizariam igualmente o México e a Suíça, procurando mais do que ligar centro e periferia, dissolver a própria noção de uma relação subordinada, além de ligar desenvolvimento econômico não à modernização central mas à particularização local, e cultura à expressão nacional e popular.

Não podemos aqui desenvolver in extenso a quantidade de questões suscitadas pela presença de Hannes Meyer no México, a gama de conflitos que o levam ali e as razões de seu modo peculiar de adaptar-se ao clima político-cultural mexicano da década de 1940. Mas seu exemplo, sua mudança de posições, as



Sanatório para tuberculosos, Huipilco México 1929
Arq José Villagrán García



Casa experimental tese de 1930
Arq Juan Lagarreta

polêmicas contra o vanguardismo local e seus vínculos com o regionalismo, nos permitem tentar fixar algumas dessas questões e sua complexidade, em um processo específico de contato e comunicação cultural. Tentaremos, em primeiro lugar, entender algumas das lógicas históricas que ligam uma citação à outra.

Há uma linha de explicação interna à história central da arquitetura. Como se sabe, entre 1926 e 1938, entre a primeira e a última citação de Meyer, transcorreu um tempo muito especial no debate internacional: a emergência no começo da década das preocupações regionalistas de Le Corbusier, que reestabeleceriam o tema do local na América Latina a partir de exemplos como o projeto da casa Errázuriz no Chile (1930), ou como suas casas mediterrâneas; a aparição dos fenômenos da New Tradition, usando o termo com o qual Henry Russel Hitchcock, em 1929, tentou compreender o "historicismo modernista"; a consagração das arquiteturas modernas nacionais (que podem ser chamadas assim precisamente por pertencerem à periferia), como a do Brasil ou Finlândia — e não nos esqueçamos que uma causa de sua consagração internacional se produzirá um ano após a chegada de Meyer ao México, na Feira Mundial de Nova York de 1939. Mas, especificamente, a própria

experiência de Meyer também passa por um período muito especial: são os anos de sua atividade na União Soviética (1931-1936), marcados pela revalorização stalinista do nacional e a revisão completa das posições do vanguardismo da Europa Central; Meyer trabalha, em contrapeso, em longínquas regiões do oriente soviético, onde o tema da particularidade ("nacional em forma e conteúdo") será especialmente enfatizado. E assim mesmo, em 1938, Meyer sem dúvida empunha o regionalismo como arma para condenar, a partir do México, seus ex-colegas da Bauhaus como Gropius e Mies, que nos Estados Unidos emblematizam a experiência modernista que vinha sendo divulgada como Internacional Style, acompanhando a progressiva norte-americanização da cultura arquitetônica do pré-guerra.

A escolha dos EUA por Gropius e do México por Meyer é mais um dos elementos que permitem pensar na arquitetura moderna entre o centro e a periferia: que centro e que periferia? O que significavam os Estados Unidos para esses arquitetos alemães? É evidente que o *amerikanismus* tem significados complexos, que vão além da celebração da pura técnica. E assim o México até então tinha representado para a arquitetura ocidental apenas um lugar a mais na procura do sul, sem dúvida não muito diferente da Califórnia de Neutra; porém em 1938 Meyer não tem interesse pelo trópico como tal, como a realização do mito vanguardista do bom selvagem ao sol, mas como um lugar da Revolução — e nesse sentido o México de 1938, com suas expropriações petrolíferas e sua reforma agrária, no auge do Cardenismo, oferecia sem dúvida a ocasião única de dar vida àquela espécie de arquiteto comprometido, em extinção depois da frustrada experiência das brigadas vermelhas na URSS. Meyer encontra no México — como possivelmente Eisenstein havia encontrado anteriormente — uma espécie de União

Soviética virgem, que permitia conservar tanto o encanto como o fervor dos anos vinte; um centro para o arquiteto revolucionário.

Mas poderia ser tentada outra linha de explicação, desta vez propriamente periférica, que buscasse na história da arquitetura mexicana a relação entre a frase de O'Gorman de 1933 e a de Meyer de 1938; que permitisse entender, digamos, a recepção da frase de Meyer numa paisagem cultural já estabelecida. Mais do que uma interpretação político-ideológica desse confronto específico (internacionalismo modernista versus realismo nacional; trotskismo versus comunismo — e sabe-se que essas posições confrontaram O'Gorman e Meyer no México), nesses anos a cultura arquitetônica mexicana de vanguarda oscila entre ambos pólos de acordo a alinhamentos produzidos pela efervescente reformulação do Estado e sua demanda crescente de integração. Não deve-se esperar por Meyer para que se note a ruptura: já em 1933, nas célebres Plásticas organizadas pela Sociedade de Arquitetos Mexicanos (SAM) poderia ver-se um princípio de ruptura entre duas facetas: uma da vanguarda apegada ao momento inicial da construção do Estado pós-revolucionário (com o governo de Calles e Maximato, 1924-1934), e outra cujas preocupações anunciam a tendência do Cardenismo (1936-1940).² Mas, insisto, não é uma virada vinculada nem à mudança política nem a processos de reforma cultural do aparelho do Estado: do mesmo modo que o primeiro funcionalismo é



Depósito para Boies en la orilla del lago de Semuch.
Giovanni Panzotto
Ata.



EL REGIONALISMO
EN LA EDIFICACION
DE LA VIVIENDA SUIZA

Por HANNES MEYER

Capa utilizada por Hannes Meyer para seu artigo sobre regionalismo publicado no México em 1941

Antiga construção escolar tropical em Chiapas, México



3
Posição que sintoniza com a intervenção de uma personagem central nessa história, como é Maurício Campos, quem nas Plásticas de 1933 oferece à SAM um Plano de Ação no qual o Estado realizaria um "estudo completo dos costumes, climas e procedimentos construtivos em todo o país", citadas ambas em González Lobo, C op cit. Campos terá um papel protagônico, como interventor na Escola de Arquitetura e como presidente da SAM, na política cultural do Cardenismo e na acolhida oficial a Meyer em 1938

4
O'Gorman, J Conferencia... op cit

5
Segundo a interpretação profunda de Werneck Vianna, atrás da aposta às "vantagens do moderno e as vantagens do atraso" na América Latina encaixaram-se direitas e esquerdas, coesas pela crença no Estado como garantia simultânea da modernização e da identidade nacional; **Ventajas de lo moderno, ventajas del atraso** in Aroceno, F e León, E de **El complejo de Próspero Vintén**, Montevideo 1993

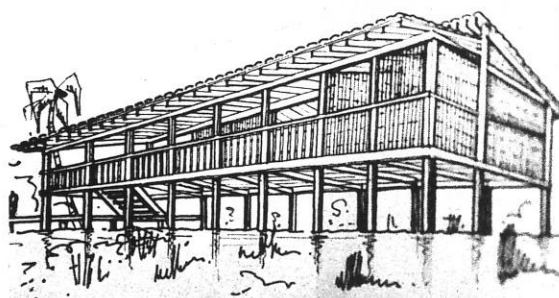
parte do programa modernizador Callista, a tendência regionalista emerge de mudanças na concepção e as prioridades do Estado; e essa base comum de sujeição à lógica da construção estatal é o que fará possível a homogeneização posterior de todas as vertentes em uma arquitetura de síntese no final dos anos quarenta: a chamada Escola Mexicana de Arquitetura.

O primeiro funcionalismo foi a expressão pioneira e clássica da vanguarda, como não acontecerá praticamente em nenhum outro país latinoamericano, que combina radicalidade técnica, compromisso político e participação ativa no Estado. Já se escreveu muito sobre essa notável e precoce experiência dos jovens funcionalistas radicais, O'Gorman, Legarreta e Aburto, cujo início se deu em 1925, com a responsabilidade de José Villagrán García, principal referente dessa iniciativa, em terminar o Instituto de Higiene de Popotla. A arquitetura entra em cena como símbolo do final da etapa destrutiva da Revolução, e da possibilidade da incumbência do Estado na construção de uma nova sociedade. Essa nova geração proporá a integração da sociedade a um mundo que eles mesmos estão desenhando: sua arquitetura tenta provar que tal integração é um salto positivo imprescindível, cujo êxito reside na sua execução técnica mas cujo objetivo é a recuperação de uma harmonia perdida pela comoção revolucionária; a garantia de ambos é o Estado.

As Plásticas de 1933 podem ser compreendidas assim, no marco da comoção que produziu o lugar público privilegiado a partir de onde esses jovens radicais

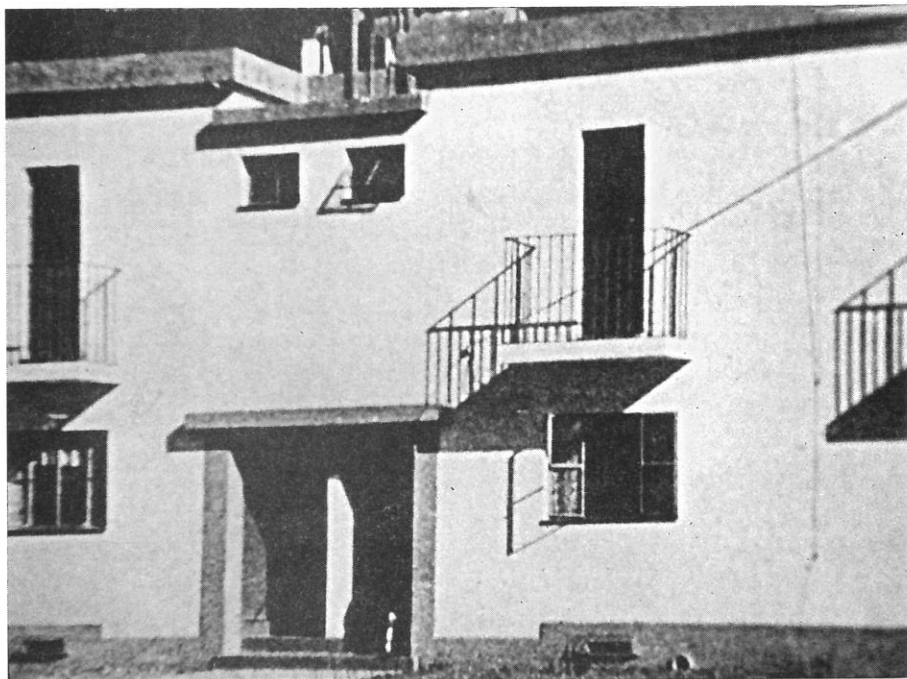


Casa para trabalhadores em Irapuato México 1939 Arqs Enrique del Moral e Marcial Gutiérrez Camarena



Hannes Meyer fotografado junto a um painel da exposição

Escola rural tipo com cais Estado de Tabasco, México, Plan CAPFCE 1944-46, Arq Pedro Ramírez Vásquez



enunciam seus postulados, como uma pugna sobre os limites da intervenção estatal na vida pública, entre defensores da profissão liberal e propulsores da integração institucional no Estado; polêmica análoga à contemporânea polêmica entre autonomia universitária e educação socialista: intelectuais que levantam as bandeiras da individualidade humanista, sendo enfrentados por quem pretende a dissolução da figura tradicional de intelectual em uma gestão técnica planejada a partir do Estado em função de um diagnóstico das necessidades sociais. Mas aqui aparece, do lado dos estadistas, o novo divisor de águas mencionado anteriormente. Refiro-me à intervenção de Aburto nas Plásticas, onde estabelece modalidades diversas de ação pública: reivindica para o Estado uma ação que não seja mera resposta técnica, senão que seja capaz de estudar "a vida dos homens em suas comunidades", com uma "penetração sensível, para captar mais profundamente os costumes".³

Não se trata, na verdade — ou não somente — de regionalismo pobre versus internacionalismo técnico, senão que dentro da vanguarda começa a delinear-se o interesse pela nova realidade que a política agrária de Cárdenas entre 1935 e 1938 rapidamente legitimaria, exaltando a

visão civilizatória da intelectualidade urbana do Maximato. A ambição de integração pós-revolucionária do funcionalismo tinha oposto seu programa homogeneizador à concentração mítica de um índio puro do primeiro muralismo vasconceliano; esse novo regionalismo procurará voltar a registrar a diferença, mas desta vez, supõem, para reconhecer o povo não como mito, porém na sua realidade.

É nesse sentido que a cultura vanguardista tenta transformar uma técnica como linguagem do nivelamento em uma técnica capaz de expressar a diferença; transformar a confiança em uma harmonia derivada da civilização, a confiança em uma harmonia derivada da cultura. O'Gorman afirmava que a arquitetura do povo era sempre igual "devido à utilização de uma mesma forma para resolver as necessidades semelhantes", e isso permitiria abstrair-se de suas "imperfeições" para pensar essa arquitetura como antecedente inspirador de outra perfeita, racional, de valor universal, que servisse para resolver cientificamente a questão da habitação popular; já que, perguntava-se retoricamente, "... porque (as casas do povo) são mal feitas e desiguais, tortas e imperfeitas, vamos admitir que nisso está seu encanto?"⁴ As novas propostas de habitação operária e rural pretenderão, em troca, justamente a recuperação desse encanto. Aburto mostra em Jiquilpán, por exemplo, em 1936, a tentativa de combinar indícios chaves da modernização, como a instalação da rede de água e o traçado de estradas (cujos valores modernos o callismo teria potencializado figurativamente), com indícios culturais da comunidade local, chegando até o limite do kitsch: igualmente como o funcionalismo, o regionalismo crê aproveitar desse modo das "vantagens do moderno e das vantagens do atraso"; a diferença está firmada não mais por meio da abstração, mas sim por mimese.⁵

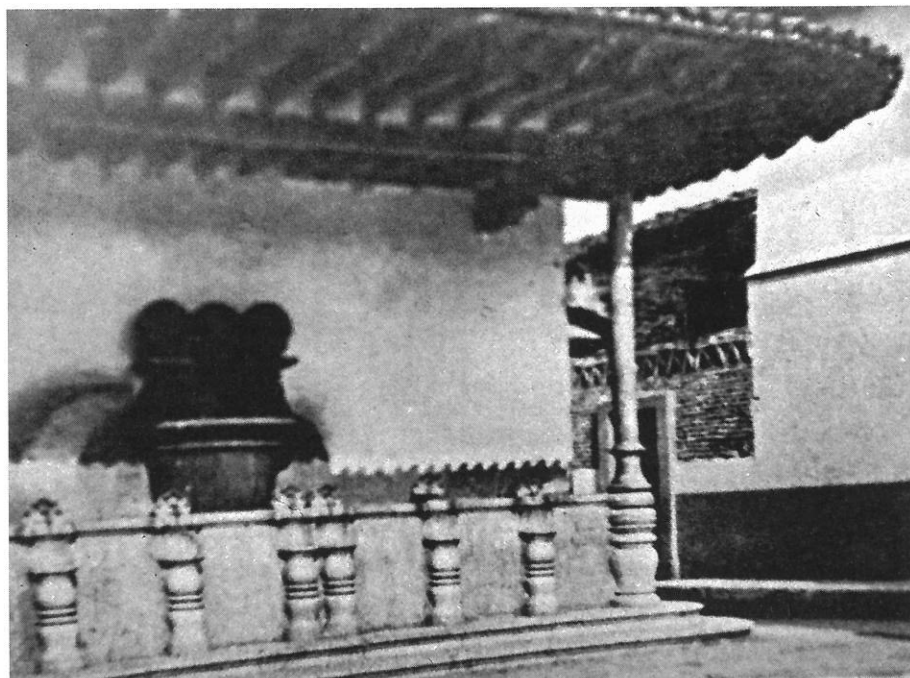
No desenvolvimento da agricultura na Revolução, uma certeza parece se generalizar: a função social da arquitetura não pode ser realizada se a habitação do camponês não consegue ser bela, nos termos de sua própria e autêntica cultura. E isso já soa familiar para quem conhece os termos do debate soviético dos anos trinta, tanto que a questão de recepção de Meyer no México pelos herdeiros das Missões Culturais vasconcelianas se resolve rapidamente. Meyer emblemática no México a busca de compromisso entre Plano e Regionalismo e, sobretudo, demonstra a lógica vanguardista da tendência regionalista: a lógica de sujeitar a técnica às necessidades do Estado, de pensar a cultura como política cultural. Esses dois aspectos aparecerão com toda clareza nos Planos públicos nacionais dos anos quarenta e cinquenta, nos quais Meyer tem diferentes graus de participação: especialmente no Plano de Escolas do CAPFCE, onde uma quantidade de arquitetos das mais diferentes tendências lançam-se sobre uma experimentação expressiva intensa de formas regionais no marco de um projeto fortemente centralizado (sobre a importância simbólica das escolas, não devemos esquecer que já em suas conferências de 1938, Meyer discutia especificamente com as escolas de O'Gorman, a mais clara representação do Estado Callista).⁶

Porém se isto permite rever a versão que enfatiza o deslocamento de Meyer no contexto mexicano desses anos (seja tanto porque é sustentada a idéia de um discurso muito avançado de um Meyer que enfrenta um México incapaz de ouvi-lo, passando-se despercebido pela inflexão



Casa em Jiquilpán,
México, 1936-39
Arq Alvaro Aburto

Fonte de água em
Jiquilpán, México
1936-39
Arq Alvaro Aburto



6
 Dizia Meyer em 1938, refutando explicitamente a obra da vanguarda mexicana: "Debaixo da máscara de um pretendido modernismo", o edifício escolar situado na mais densa selva é executado em concreto, quando seguramente a madeira e o tijolo de barro como materiais locais teriam permitido uma solução mais econômica e mais natural...". in **La formación del arquitecto**, op cit. Sobre a participação de Meyer nos planos nacionais, ver nosso **La sombra de la vanguardia. Hannes Meyer en México. 1932-1949**, op cit. É fundamental o papel desses planos na cristalização de uma arquitetura que é capaz de sintetizar, no seio do Estado, as tendências radicalmente opostas nos anos trinta da arquitetura mexicana, processo do qual, por diferentes razões que são impossíveis de serem abordadas aqui, Meyer fica excludo. A partir de 1938, no fim do Cardenismo (fim da agitação

nacionalizadora, entrada na Segunda Guerra — mudanças que, segundo a formulação específica de Halperin, conseguiram que em menos de uma década o México socialista resultara no país que melhor soube adaptar-se ao clima do capitalismo na América Latina), o Estado conseguirá uma integração com êxito da vertente modernista e a regionalista, convertendo o Plano em âmbito flexível de inserção de posições ideológicas e disciplinares contrapostas, capaz de suturar as profundas rupturas por que vinham passando a disciplina e a sociedade há décadas. Nessa integração, o radicalismo técnico se 'sacrificará' para ver realizar precisamente aquilo pelo que havia lutado desde o início da década, e o regionalismo conseguirá uma legitimação expressiva da arquitetura moderna mexicana. Dessas e de outras integrações fala, de um modo melhor, a arquitetura de Villagrán García desde o final da década, como ponto de chegada e teorização de todas suas buscas: essa arquitetura que um cronista então qualificou acertadamente como "exponente digno de um México novo e homogêneo".

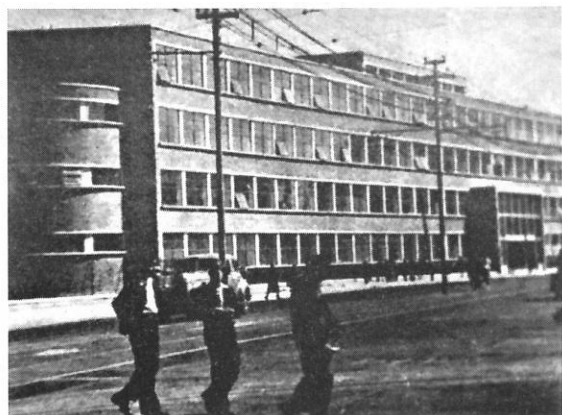
7
 Rama, A **La transculturación narrativa en América Latina Siglo XXI**, México 1982

8
 Cf Gorelik, A **Nostalgia y Plan: el Estado como vanguardia in Arte, Historia e Identidad en América Latina: visiones comparativas, Atas do XVII Colóquio Internacional de História da Arte** Instituto de Investigações Estéticas, Universidade Nacional Autónoma do México México, no prelo

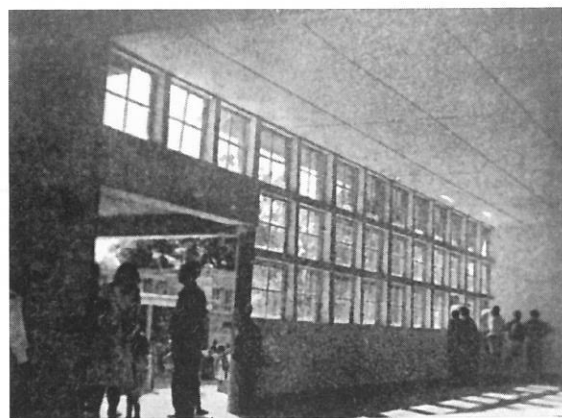
9
 Scalvini, M L e Sandri, M G **L'immagine storiografica dell'architettura contemporanea da Platz a Giedion** Officina, Edizioni, Roma 1984

regionalista de Meyer e o oposto de um modernismo funcionalista já assentado no Estado e carcomido desde o interior da vanguarda pela tendência regionalista; ou seja também pela sustentação da inadequação de Meyer às reais condições da situação mexicana, passando-se despercebido desta vez pela permanente adaptação de Meyer e sua funcionalidade às variações políticas do Estado pós-Cardenista), ao mesmo tempo deixa aberta uma quantidade de questões sobre as relações entre centro e periferia, entre regionalismo e modernismo.

Centralmente, põe em questão a relação de identidade entre periferia e regionalismo. Uma posição muito consolidada e hegemônica na crítica latinoamericana defende que a arquitetura regional é a manifestação direta do caráter essencial de um lugar: o clima, as tradições construtivas populares, os materiais locais. Esta posição, através de uma adaptação mais ou menos silvestre da teoria da dependência, vinculou essa arquitetura com valores de questionamento da periferia frente a um centro promotor de imagens homogêneas, e considerou-a como uma decisão existencial do arquiteto comprometido para sair da dependência através da recuperação do que é próprio, como o "segundo momento" em que o "colonizado estremece e decide recordar", usando uma frase de Fanon que vem de encontro a esse pensamento. Mas é muito pouco o que se pode avançar com essa hipótese, levando em conta a complexidade da



Escola da República de Costa Rica, México
 Plan CAPFCE 1944-46
 Arq José Villagrán García



Escola Normal Superior
 México, Plan CAPFCE
 1944-46
 Arq Enrique Yáñez



Escola primária urbana
 Jerez, Zacatecas, México
 Plan CAPFCE 1944-46
 Arq Roberto A Espinosa

construção cultural implícita nas arquiteturas regionais que encontramos na história; construção cultural que, enquanto analisamos detalhadamente a formação de uma corrente figurativa ou de pensamento, manifesta-se com contatos fluentes entre a arte e as idéias, os processos de transculturação figurativa modernista, ou seja, usando os termos de Angel Rama, as seleções, incorporações, invenções e redescobertas geradas pelo contato cultural entre diferentes centros e diferentes periferias.⁷

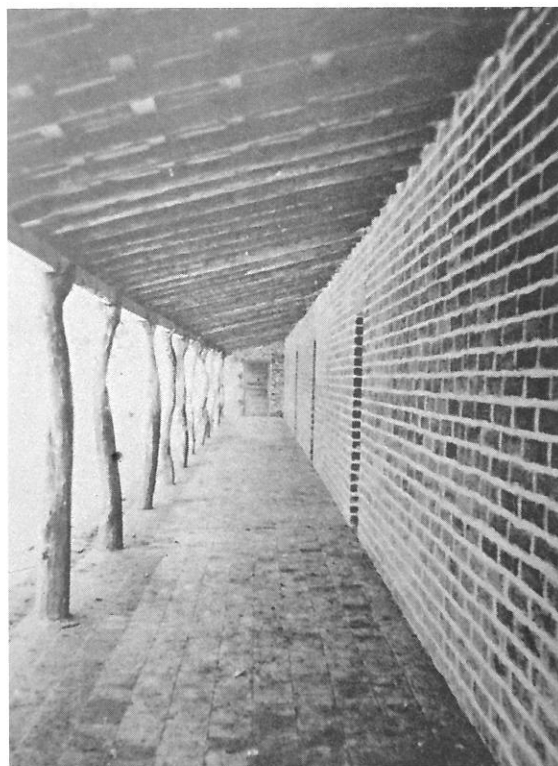
Em outra oportunidade vinculei estas questões ao que pode certamente ser considerada uma peculiaridade latino-americana no surgimento da arquitetura moderna: o decisivo papel do Estado na conformação das vanguardas locais, e a utilização da figuração modernista na construção de uma língua nacional; peculiaridade que gerou boa parte dos mal-entendidos que relacionam Meyer ao México.⁸ Mas para percebê-lo, para entender o papel construtivo das vanguardas americanas e a relação estrutural entre modernismo e regionalismo em seu processo histórico, é necessária uma revisão profunda do episódio das vanguardas européias; não porque tenha ocorrido o clássico mal-entendido dependente, no qual se importam figurações deslocando

no tempo e significado seus conteúdos históricos centrais, mas porque a América Latina ocupa um lugar ativo no próprio desenvolvimento das vanguardas históricas centrais: se a arquitetura foi o pólo positivo da dialética produtiva da vanguarda (essa dialética era sustentada por Benjamin que para entender a vanguarda tinha que traçar o arco que unira Breton a Le Corbusier), a América Latina, o sul, foi o pólo positivo da dialética espacial: foi o lugar onde a construção era mais inevitável do que possível. Assim entende-se também o itinerário alternativamente otimista e angustiado dos viajantes procurando interlocutores para executar esse mandato impossível já no centro: Segall, Le Corbusier, Meyer.

Por isso, para finalizar, talvez o mais importante seja estabelecer a necessidade de rever as diferentes posições que a historiografia latino-americana tem tido frente ao episódio de suas arquiteturas modernas, suas maneiras de relacionar os episódios locais aos movimentos internacionais. Em uma primeira fase, a historiografia reproduziu em cada situação nacional fragmentos mais ou menos fiéis do que Maria Luisa Scalvini caracterizou como o "paradigma canônico" da historiografia modernista internacional; ou seja, mostrou-se o surgimento do modernismo como estação heróica protagonizada pelos pioneiros que em cada país reuniam radicalidade estética com compromisso social.⁹ Em uma segunda fase, e sendo uma reação ao esquema redutor centro-periferia que aquele modelo implicava, no qual os episódios locais eram manifestações deslocadas espacial e temporariamente, de modo especular, dos modelos internacionais, iniciou-se um processo de revisão atento à originalidade dos modernismos próprios e ao descobrimento e à revalorização de todos os fenômenos arquitetônicos que, por não cumprirem os

requisitos supostos das tendências internacionais consagradas, tinham ficado fora do panteão da primeira historiografia; diminuído o prestígio do modernismo, esses episódios foram englobados a partir de diferentes óticas, mas nas em que primava a ênfase na análise no "apropriado" da "resposta ao contexto".

Mas juntamente com a referência internacional perderam-se duas coisas: a possibilidade de questionar a partir das experiências locais relevadas as suposições canônicas do modernismo central; ou seja, o que de fato ocorreu não foi uma inversão da valorização celebrando o que antes tinha sido desprezado como desvio, mas sim uma perda da possibilidade de pôr em dúvida a mesma norma sobre a qual esse sistema de valores estava montado. Por outro lado, perdeu-se a possibilidade de traçar relações entre os diferentes episódios do continente. E se numa primeira instância isso permitiu fugir das reconstruções essencialistas, tão freqüentes nas perspectivas latino-americanas; a longo prazo impede uma visão de conjunto que no caso dos modernismos poderia ser colocada como uma imposição quase por definição, não para detectar processos unívocos, mas sim para identificar em cada caso as equivalências e as rupturas dos diferentes modernismos e, sobretudo, das diferentes modernizações da região; para recuperar, ao mesmo tempo, uma visão unitária com os episódios centrais no marco de uma concepção mais complexa das relações centro-periferia e dos processos de transculturação que no seu interior foram produzidos.



Escola primária rural
Casacuran, Yuritzia
Guanajuato, Plan
CAPFCE 1944-46
Arq Enrique del Moral

Escola rural *Emiliano*
Carranza construída
pelos vizinhos
Toxtlacuya, Veracruz
México, Plan CAPFCE
1944-46
Arq Luis J Rivadeneira

